

Uma investigação funcionalista da voz passiva analítica no português culto falado: da norma ao uso

A functionalist investigation of passive voice in formal spoken Brazilian Portuguese: from the norm to use

Una investigación funcionalista de la voz pasiva en el portugués brasileño formal hablado: desde la norma al uso

Juliano Desiderato Antonio¹

 0000-0002-9816-5852

Julia Lourenço Pereira²

 0000-0002-2891-2859

Sarah Santos Correa³

 0000-0002-8049-3794

RESUMO: Na tradição gramatical, a categoria voz tem sido descrita principalmente a partir de suas propriedades formais. As gramáticas escolares, em geral, apresentam as características formais das construções passiva sintética e analítica e propõem exercícios de passagem de um tipo de construção para o outro. O conhecimento formal, embora necessário, não revela, no entanto, as motivações discursivas e pragmáticas para o uso da voz passiva pelos falantes. Por outro lado, na perspectiva funcionalista as propriedades formais e as propriedades pragmáticas são tratadas de forma integrada, com prioridade para as do último tipo. Neste trabalho, analisam-se, sob a perspectiva funcionalista, ocorrências da voz passiva analítica em um corpus formado por aulas de curso superior e por entrevistas com pesquisadores. A partir da análise do corpus verificou-se que as explicações para o uso da passiva são de ordem funcional e partem de motivações discursivas e pragmáticas, por exemplo, manter um referente (o paciente) como sujeito, no início da oração, por se tratar de informação dada; apresentar um referente (o agente) como informação nova na posição final da sentença; omitir o agente por considerá-lo irrelevante ou pela impossibilidade de identificá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Voz passiva; Funcionalismo; Língua em uso.

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp (Araraquara). Professor da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: jdantonio@uem.br.

²Graduanda em Letras. Programa de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Maringá. E-mail: juliauk.itl@gmail.com.

³Graduanda em Letras. Programa de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Maringá. E-mail: sarah.scorrea@hotmail.com.

ABSTRACT: In Traditional Grammar, the voice category has been described mainly based on its formal properties. School grammar, in general, presents the formal characteristics of synthetic and analytic passive constructions and proposes exercises to transform one type of construction into another. Formal knowledge, although necessary, does not reveal, however, the discursive and pragmatic motivations for the use of passive voice by speakers. On the other hand, from the functionalist perspective, formal properties and pragmatic properties are treated in an integrated manner, with priority given to the latter type. In this work, we analyze, from a functionalist perspective, occurrences of the analytic passive voice in a corpus formed by undergraduate lectures and interviews with researchers. From the analysis of the corpus, it was found that the explanations for the use of the passive voice are of functional nature and are based on discursive and pragmatic motivations, such as, for example, maintaining a referent (the patient) as a subject, at the beginning of the sentence, if it conveys given information; present a referent (the agent) as new information in the final position of the sentence; omit the agent for considering it irrelevant or for the impossibility of identifying it.

KEYWORDS: Passive voice; Functionalism; Language in use.

RESUMEN: En la tradición gramatical, la categoría voz ha sido descrita principalmente sobre la base de sus propiedades formales. Las gramáticas escolares, en general, presentan las características formales de las construcciones pasivas sintéticas y analíticas y proponen ejercicios para pasar de un tipo de construcción a otro. El conocimiento formal, aunque necesario, no revela, sin embargo, las motivaciones discursivas y pragmáticas del uso de la voz pasiva por parte de los hablantes. Por otro lado, en la perspectiva funcionalista, las propiedades formales y las propiedades pragmáticas son tratadas de manera integrada, dando prioridad a las últimas. En este trabajo analizamos, desde una perspectiva funcionalista, ocurrencias de la voz pasiva analítica en un corpus formado por clases de educación superior y entrevistas con investigadores. Del análisis del corpus resultó que las explicaciones sobre el uso de la pasiva son de carácter funcional y se basan en motivaciones discursivas y pragmáticas, como por ejemplo, mantener un referente (el paciente) como sujeto, al principio de la oración si la información es dada; presentar un referente (el agente) como nueva información en la posición final de la oración; omitir el agente por considerarlo irrelevante o por la imposibilidad de identificarlo.

PALABRAS CLAVE: Voz pasiva; Funcionalismo; Lenguaje en uso.

Introdução

A categoria gramatical voz abrange as construções de voz ativa, de voz passiva, de voz média e de voz reflexiva e, em alguns casos, de voz recíproca, como é o caso particular da tradição portuguesa. A voz ativa é tomada como a expressão mais básica das construções de voz e sua centralidade na descrição gramatical das linguísticas se justifica pela natureza das relações sintáticas que nela se estabelecem (GIVÓN, 2006). É a categoria sintática de sujeito que determina a descrição das construções de voz, em relação à função semântica que o argumento

sujeito desempenha na configuração da predicação. Se o sujeito corresponde ao agente da ação verbal, então tem-se uma construção de voz ativa, mas, se, por outro lado, o sujeito corresponde ao paciente da ação verbal, tem-se, então, uma construção de voz passiva. Essa mudança de estatuto semântico do sujeito implica uma reconfiguração construcional que, no caso do português, é resolvida com um auxiliar verbal, geralmente o verbo *ser* e um verbo no particípio. Particularmente, a voz passiva tem sido descrita como uma espécie de derivação da voz ativa, mantendo o valor de verdade da proposição expressa pela sentença, mas mudando o arranjo das relações sintáticas.

Na tradição gramatical, a categoria voz tem sido descrita principalmente a partir de suas propriedades formais. As gramáticas escolares, em geral, apresentam as características formais das construções passiva sintética e analítica e propõem exercícios de passagem de um tipo de construção para o outro. O conhecimento formal, embora necessário, não revela, no entanto, as motivações discursivas e pragmáticas para o uso da voz passiva pelos falantes.

Por outro lado, na perspectiva funcionalista as propriedades formais e as propriedades pragmáticas são tratadas de forma integrada, com prioridade para as do último tipo. Segundo Dik (1989), o funcionalismo leva em conta dois tipos de regras: as de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica, que constituem as expressões linguísticas mediadoras das interações verbais, e as de ordem pragmática, que governam os padrões de interação verbal em que as expressões são usadas. Dessa forma, pode-se dizer que uma gramática funcional trata de forma integrada os componentes tratados isoladamente por outras teorias (NEVES, 2018). Segundo essa orientação, um tratamento funcional da sintaxe e da semântica só pode ser realizado de forma adequada integrando a pragmática a esses outros componentes, e não a considerando um componente externo.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral descrever os usos da voz passiva analítica na língua falada em aulas de curso superior e de curso pré-vestibular e em entrevistas orais com pesquisadores. Os objetivos específicos são os seguintes: verificar os tipos de predicados mais frequentes nas construções passivas; quantificar a frequência de expressão do agente da passiva; investigar

fatores pragmáticos que favorecem o uso da passiva analítica; verificar como as gramáticas de diferentes orientações (tradicional, escolar, de linguistas) tratam a passiva analítica.

Fundamentação

Na perspectiva funcionalista, busca-se verificar os efeitos pragmáticos obtidos textualmente com o uso de construções de voz passiva (CROFT, 2001; GIVÓN, 2001). Se o sistema gramatical disponibiliza ao falante da língua a opção de construir um mesmo significado (semântico, ou proposicional) de diferentes formas, pode ser que os efeitos alcançados sejam diferentes. É nessa direção que Halliday (1994), um dos linguistas de maior renome da Linguística Funcional, quicá da Linguística Geral, concebe a gramática de uma língua, isto é, como um sistema de opções à disposição do falante, que, em situações de uso linguístico, realiza a escolha das opções que melhor satisfaçam suas necessidades comunicativas.

Camacho (2000, p. 217-218) caracteriza uma construção de voz passiva analítica no português, como sendo “constituída por um auxiliar, em qualquer um de seus tempos verbais, e um particípio passado, seguido ou não de um SP agentivo”. Nos termos de Halliday (1994), é um tipo de construção disponibilizada ao falante pela língua, e a opção por esse tipo de construção é feita, segundo Camacho (2000), quando há necessidade pragmática de se constituir ou de se manter um tópico. Como a construção passiva favorece a promoção do argumento principal ao sujeito e, pragmaticamente, ao tópico, esse tipo de construção é um dos mais utilizados pelos falantes quando precisam codificar um SN tópico.

Ao tratar tipologicamente a construção passiva na língua ute, Givón (1981) parte do princípio de que os domínios funcionais na sintaxe não são atômicos, nem totalmente discretos. Pelo contrário, são interdependentes, inter-relacionados e estão em *clines*⁴, nos quais pontos que se distinguem de alguma forma podem ser dispostos ao longo de um contínuo funcional. Os domínios funcionais também se cruzam, ou seja, um determinado ponto de um domínio funcional também pode ser

⁴ Neste trabalho, entende-se por *cline* um contínuo, uma escala, uma gradiência.

membro de outro domínio funcional, de forma que “a função sintática é, assim, potencialmente, um espaço multidimensional” (GIVÓN, 1981, p. 165, tradução nossa). A construção passiva participa de três domínios funcionais:

- a) pela sua capacidade de atribuir a função de tópico oracional a um argumento não agente. A construção passiva é um ponto na escala do domínio funcional da *identificação de tópicos*, que vai da identificação mais simples (tópico mais previsível) à identificação mais complexa (tópico menos previsível);
- b) a construção em tela também faz parte do domínio da detransitivização. De acordo com Givón (1994), em um evento transitivo prototípico na voz ativa, o processo verbal tem ritmo acelerado, é acabado, real e perceptualmente e/ ou cognitivamente saliente. Além disso, o agente é volitivo, controlador, responsável pelo evento, ou seja, sua causa saliente. Por sua vez, o paciente é o efeito saliente, ou seja, é não volitivo, não ativo, não controlador e sofre a mudança de estado do evento. Em uma construção ativa, o agente tem um grau mais alto de topicalidade do que o paciente, ao passo que, na construção passiva, o paciente é mais tópico do que o agente, que tem grau tão baixo de topicalidade que pode ser suprimido;
- c) como consequência, a construção passiva também faz parte do domínio da impessoalização (ou da supressão da identidade do agente).

Em trabalho sobre as construções de voz no português falado no Brasil, Camacho (2006) defende a existência de um contínuo funcional que tem, em um extremo, a construção passiva e, em outro, a impessoal. Situadas ao longo da escala estão as construções média e reflexiva.

Com base no critério *tipo semântico de predicado e função sintática*, o autor afirma que os verbos de ação desencadeiam as construções passivas e as impessoais, mas as construções passivas também se manifestam com predicados de posição, que possuem o traço [+controle]. Na perspectiva adotada pelo autor, com base em Dik (1989), os predicados de posição englobam verbos de percepção, de posição mental (como *considerar, levar em conta*) e verbos que pressupõem posicionamento físico de uma entidade controladora (como *considerar, manter, conservar*). Camacho (2006) também apresenta ocorrências de construções

passivas que se afastam do evento transitivo prototípico. Nessas ocorrências, a entidade envolvida é afetada, portanto, não apresenta o traço [+controle]. Verbos como *lembrar*, *entender*, *perceber* e *perder* podem participar desse tipo de ocorrência.

No que diz respeito ao *grau de transitividade*, Camacho (2006, p. 172) afirma que tanto as construções passivas quanto as impessoais “são fortemente motivadas pela presença de um verbo de ação [+dinâmico, +controlado] em detrimento de predicados de processo, posição e estado”. Uma característica caracterizadora da construção passiva é que a entidade que inicia o evento deve ser distinta da entidade afetada. Ademais, na construção passiva a entidade afetada exerce a função de sujeito/tópico, e ocorre a detransitivização do verbo, na qual se exclui a impessoalidade do agente.

Em relação à *forma de manifestação do SN agente na passiva*, Camacho (2006) apresenta ocorrências em que o SN agente é realizado na forma de itens lexicais plenos, pronomes anafóricos e zeros anafóricos. Ao contrário do inglês, em que a expressão, ou não do agente é motivada por paralelismo sintático, no português falado, segundo Camacho (2006, p. 176), a expressão ou não do agente está relacionada a determinações pragmáticas de manutenção e continuidade tópica”.

Ao sistematizar um quadro com os traços que caracterizam as construções passiva, impessoal, média e reflexiva, Camacho (2006) atribui os seguintes traços à construção passiva: [-impessoalidade], [+detransitividade], [+topicalidade]. Nas palavras do autor,

como a passiva manifesta um tópico representado por uma entidade não agentiva, ela focaliza o evento a partir da perspectiva do paciente, da qual resultam detransitividade e topicalidade como traços positivos. (CAMACHO, 2006, p. 186).

Das gramáticas consultadas

Gramáticas escolares

Cipro Neto e Infante (2010) diferenciam as vozes ativa e passiva a partir da relação entre o sujeito e o agente da oração: se o sujeito ocupar o posto de agente da ação verbal, a oração está em voz ativa; caso o sujeito da oração seja paciente do processo verbal, a oração está na voz passiva. A definição de voz passiva de Cegalla (2009) não se difere em muitos pontos, porém ele acrescenta que o sujeito paciente “*sofre, recebe ou desfruta a ação expressa pelo verbo.*”

Do ponto de vista sintático, Cegalla (2009) e Cipro Neto e Infante (2010) definem que a voz passiva analítica é composta por uma locução verbal, formada pelo verbo auxiliar “*ser*” e pelo particípio do verbo principal. Com menos frequência, o verbo auxiliar também pode ser, segundo Cipro Neto e Infante (2010), “*estar*” ou “*ficar*”, e segundo Cegalla (2009), também outros verbos como “*haver*”, “*ter*” e “*ir*”.

Na locução verbal da voz passiva analítica, o particípio continua sendo o verbo principal, que, do ponto de vista semântico, carrega o sentido da ação verbal; entretanto o verbo auxiliar assume o tempo e o modo do verbo em sua forma na oração ativa. Sendo assim, para transformar uma oração da voz ativa para a voz passiva analítica, segundo Cipro Neto e Infante (2010), o sujeito da voz ativa passa a ser o agente da passiva, o verbo na voz ativa passa a ser a locução supramencionada, e o objeto direto dá origem ao sujeito paciente. Portanto, apenas verbos transitivos diretos ou indiretos podem originar uma oração na voz passiva.

O agente da passiva é descrito como um complemento da oração na voz passiva por Cegalla (2009), atuando como o “*ser que pratica a ação expressa pelo verbo passivo*”. Cipro Neto e Infante (2010) também apontam que o agente da passiva pode estar indeterminado e que, caso seja exposto, será precedido de preposição.

Cegalla (2009) expõe que “*pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase*”, porém não são explicadas as motivações discursivas pelas quais o falante decide se expressar em voz ativa ou voz passiva. Cipro Neto e Infante (2010) também não tratam de tais motivações e focalizam a fórmula sintática para transformar as orações ativas em passivas.

Ambas as gramáticas escolares investigadas apontam primordialmente os aspectos sintáticos da flexão de voz, com menções a aspectos semânticos. Todavia,

as motivações discursivas para a utilização das vozes não são exploradas. O foco do tratamento da categoria voz recai sobre as atividades de passagem da voz ativa para a passiva e vice-versa.

Gramáticas Tradicionais Clássicas

Cunha e Cintra (1985) conceituam objetivamente a voz passiva como a estrutura que expressa um fato *sofrido* pelo sujeito a partir da ação do verbo. É apresentada na gramática dos autores a constituição da voz passiva, formada pelo verbo auxiliar *ser* e outro verbo no particípio, além de ser destacada a mudança de função sintática que o objeto direto sofre quando na voz passiva, tornando-se sujeito da oração. Os autores destacam que, para que um verbo admita transformação de voz, é necessário que seja transitivo. Cunha e Cintra (1985) também observam que, além do *ser*, outros verbos auxiliares podem formar a passiva: verbos que exprimem estado (*estar, andar, viver, etc*), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir, vir*). Não há na gramática dos autores nenhuma menção às motivações para o uso das vozes ativa ou passiva. Também não se encontra na gramática de Cunha e Cintra (1985) qualquer explicação a respeito da explicitação (ou não) do agente da passiva.

De acordo com Bechara (2002, p. 213), a categoria voz “determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes”. Na voz ativa, o verbo indica que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. Por outro lado, na voz passiva, o sujeito é objeto do acontecimento, configurando-se como *paciente*. O gramático apresenta a distinção entre voz passiva e passividade. No primeiro caso, trata-se da “forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação” (BECHARA, 2002, p. 222). Já a passividade “é o fato de a pessoa receber a ação verbal”, ou seja, se o verbo tiver sentido passivo, o sujeito será passivo mesmo que a voz seja ativa. Ao diferenciar a voz passiva da voz reflexiva, Bechara aponta duas características marcantes da primeira: ela admite verbos em qualquer pessoa, e o agente da passiva pode ser explicitado na oração. Ao final do capítulo sobre o verbo, encontra-se um apêndice com regras de passagem da voz

ativa para a passiva e vice-versa. Segundo Bechara (2002), só se pode construir uma oração na voz passiva com verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. O autor também apresenta um esquema para a passagem da ativa para a passiva:

- 1º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;
- 2º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;
- 3º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;
- 4º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Ambas as gramáticas focalizam a transformação de voz ativa para a voz passiva e vice-versa, com orientações quanto à ordem a ser seguida, apontando puramente para a mudança de função sintática entre os elementos da oração. No que se refere a este último aspecto, Cunha e Cintra (1985) fazem uma observação logo após a transformação, de modo a enfatizar que agente e paciente se mantêm os mesmos, ocorrendo mudança apenas das funções sintáticas. Não há menção, nas gramáticas, às motivações para o uso da voz ativa ou da voz passiva nem considerações a respeito da explicitação (ou não) do agente da passiva.

Gramáticas de linguistas

Castilho (2010, p. 436) define a voz verbal como “o tipo de participação do sujeito sentencial no estado de coisas”, ou seja, se o sujeito for agente, tem-se a voz ativa, se for paciente, tem-se a voz passiva. O linguista, no entanto, faz uma ressalva: não utilizar apenas a explicação semântica. O tipo de voz passiva que interessa a este trabalho é caracterizado formalmente por um sintagma verbal composto, constituído por *ser* + particípio (passiva padrão) ou *estar* + particípio (passiva resultativa). A voz, segundo Castilho, gramaticaliza a perspectiva, ou seja, a ação expressa pelo verbo é apresentada na perspectiva do agente ou do paciente, dependendo da construção de voz escolhida pelo falante.

Ainda segundo Castilho (2010), as motivações para utilização da voz passiva

estão no discurso, e não na sentença. Pode-se utilizar a passiva para se ressaltar o resultado de uma ação anterior, como no exemplo “*Então eu enrolei o filme. Depois que o filme foi enrolado, guardei tudo no armário*” (CASTILHO, 2010, p. 437, grifo do autor).

Também priorizando a informatividade, Ilari e Basso (2008), ao investigarem a voz passiva no PB, levam em conta a interação de dois fenômenos:

- um fenômeno sintático-semântico: “a distribuição dos papéis temáticos pelas posições sintáticas de sujeito objeto direto, objeto indireto etc.” (ILARI; BASSO, 2008, p. 347);

- um fenômeno de caráter textual e discursivo: “a maneira como, ao construirmos nossas sentenças, controlamos o fluxo de informações que pretendemos passar a nossos interlocutores” (ILARI; BASSO, 2008, p. 347).

Dessa forma, uma das motivações para o uso da voz passiva é deslocar um SN para o final da sentença, posição na qual uma informação é apresentada ao interlocutor como “nova”. No exemplo “O menino foi batizado em Barbacena pelo bispo” (ILARI; BASSO, 2008, p. 348), o “bispo” é apresentado como informação nova.

Outra motivação para o uso da passiva é a possibilidade de se omitir o agente, criando-se uma construção não-agentiva chamada de “passiva curta” (p. 349), como no exemplo “O menino foi batizado em Barbacena” (ILARI; BASSO, 2008, p. 348). De acordo com Ilari e Basso (2008, p. 350), “a omissão do agente não prejudica a compreensão, porque somos capazes de suprir um agente genérico”. Segundo esses autores, o falante omite o agente porque não considera esse constituinte relevante ou porque não pode identificá-lo.

No que diz respeito à construção, para Ilari e Basso (2008), a expressão da passiva analítica (que interessa a este trabalho) é dada por *ser* + particípio passado. A passiva resultativa, que também faz parte do objeto deste trabalho, é expressa por *estar* + particípio passado.

Azeredo (2008, p. 270) define a voz como “a forma sintática que o predicado assume para atribuir um papel semântico ao respectivo sujeito”. O autor esclarece que, ao contrário de categorias como modo, tempo, número e pessoa, que são

expressas por meio de flexão, a voz não se realiza morfologicamente. Assim como Castilho (2010), Azeredo (2008) caracteriza a voz passiva formal e semanticamente. No que diz respeito ao aspecto formal, a passiva se manifesta pela presença de verbo auxiliar seguido de particípio. Do ponto de vista semântico, atribui-se ao sujeito o papel de paciente ou ser afetado pelo processo do verbo.

Da mesma forma que Ilari e Basso (2008) e Castilho (2010), Azeredo (2008) também explica as motivações para o uso da passiva a partir da hierarquia informacional da sentença. Do ponto de vista discursivo, por exemplo, o uso da passiva “realça o paciente e permite a omissão do agente.” (AZEREDO, 2008, p. 274). A omissão do agente, segundo Azeredo, pode ser causada pela “irrelevância da identidade do agente do processo verbal” ou “pela impossibilidade de identificá-lo.” (AZEREDO, 2008, p. 276). No caso da passiva resultativa (em que o verbo auxiliar é *estar*), a frase não expressa a ação, mas o resultado dela.

Nas três gramáticas consultadas, os linguistas definem a voz passiva do ponto de vista semântico (perspectiva do paciente) e do ponto de vista formal (construções formadas por verbo auxiliar + particípio passado). As explicações para o uso da passiva são de ordem funcional e partem de motivações discursivas e pragmáticas, por exemplo, manter um referente (o paciente) como sujeito, no início da oração, por se tratar de informação dada; apresentar um referente (o agente) como informação nova na posição final da sentença; omitir o agente por considerá-lo irrelevante ou pela impossibilidade de identificá-lo.

Metodologia

Do córpus da pesquisa

O córpus de aulas é formado por oito aulas de curso superior e de curso pré-vestibular do banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná). Os informantes são professores de ensino superior e nasceram em Maringá (PR) ou residem nessa cidade há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante aulas, motivo pelo qual se espera um certo grau de

formalidade nos textos no que diz respeito ao uso do português considerado “culto”.

Por sua vez, o *cópus* de entrevistas é formado por dez entrevistas orais do banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná). Os informantes das entrevistas, que não são os mesmos das aulas, são professores de Maringá (PR) que ou nasceram na cidade e residem nela desde então, ou que não são naturais desta, mas ou residem nela há mais de 10 anos. Para que esses informantes apresentassem um comportamento linguístico mais espontâneo durante a entrevista, solicitou-se previamente a cada um deles um artigo científico de sua autoria. Após a leitura do texto, o pesquisador elaborou perguntas sobre o processo de produção do texto em si e sobre os temas tratados no artigo. Observou-se que esse procedimento possibilitou um maior envolvimento dos informantes com o conteúdo do que estavam falando, diminuindo-se o efeito “intimidatório” que o gravador geralmente causa aos entrevistados.

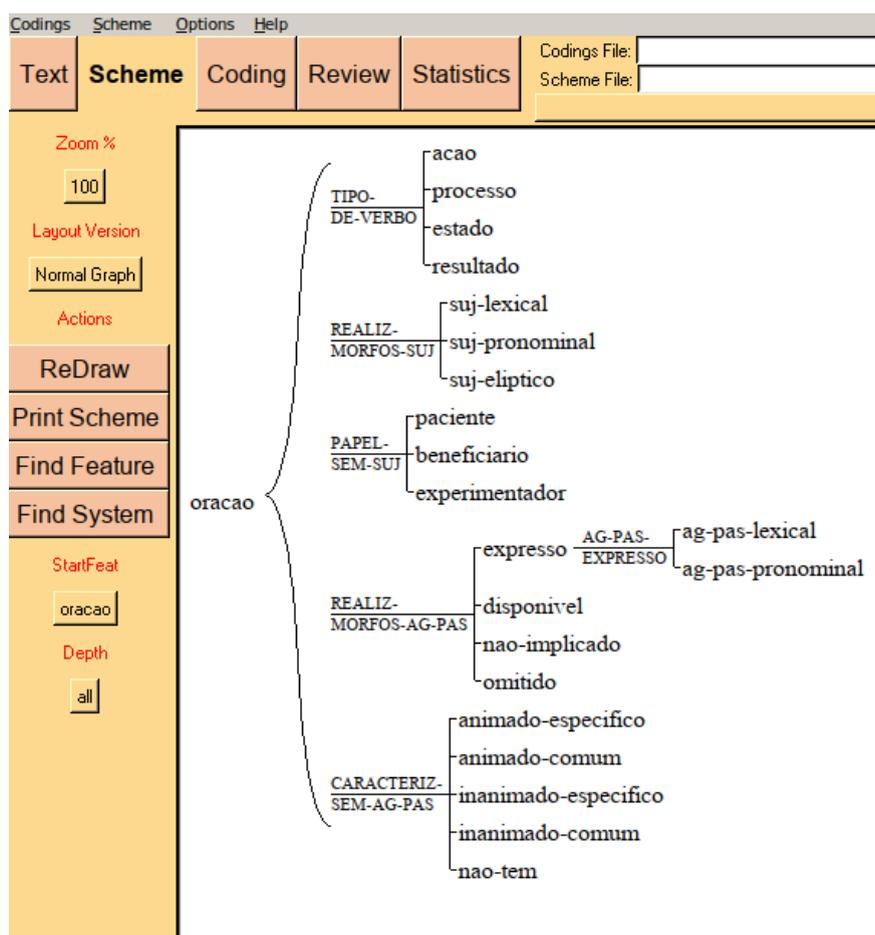
A transcrição foi feita alfabeticamente, seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (PRETI, 1993, p. 11-12) com algumas adaptações e segmentadas em unidades de entonação. Segundo Chafe (1985), a fala espontânea não é produzida em um fluxo contínuo, mas em uma série de breves jorros que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência no momento da enunciação. Esses jorros são chamados por Chafe de unidades de entonação. Para a identificação dessas unidades, Chafe (1985) propõe três critérios: entonação (a maioria das unidades termina com um contorno típico de final de oração), pausa (a separação entre as unidades é feita por uma breve pausa) e sintaxe (há uma tendência para as unidades corresponderem a orações simples).

Da quantificação dos dados

As ocorrências de voz passiva analítica encontradas no *cópus* foram salvas em um arquivo formato txt e importadas no programa *Systemic Coder* (O'DONNELL, 1995), ferramenta que facilita a codificação de dados linguísticos. Após a importação e a segmentação (cada ocorrência corresponde a uma unidade a ser codificada),

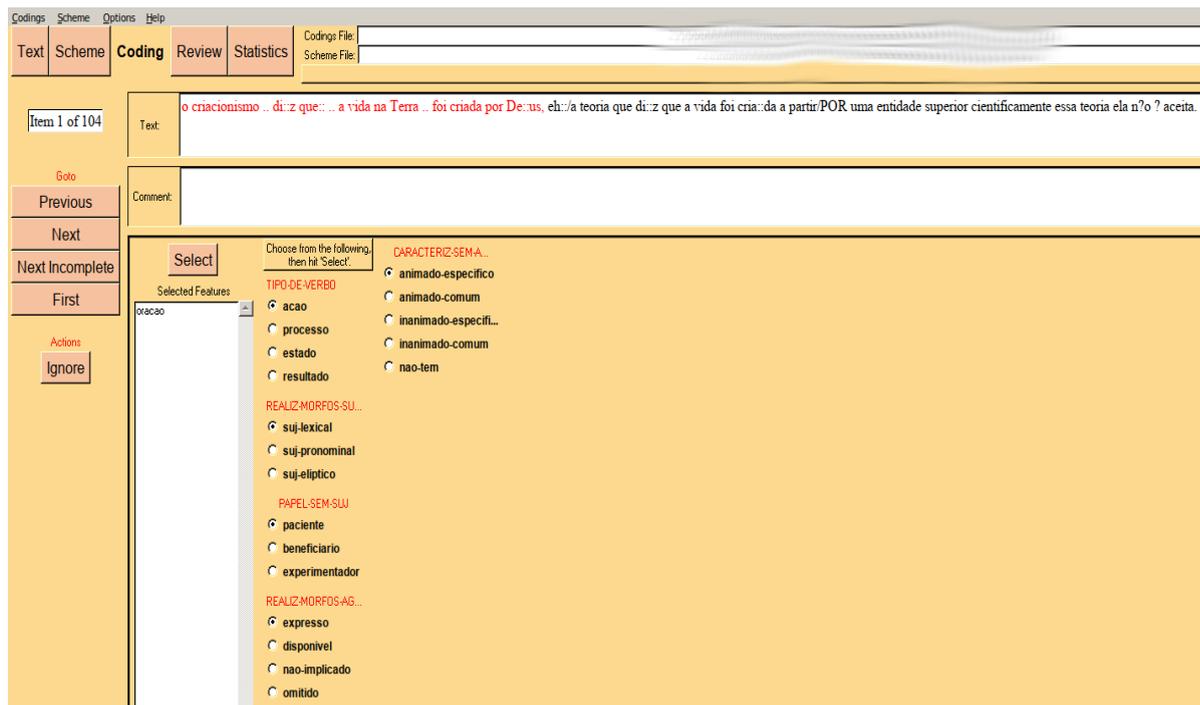
criou-se um esquema de codificação com os parâmetros de análise (figura 1). Na sequência, o programa apresentou as ocorrências (uma por vez) e os parâmetros de análise, e a seleção dos traços de cada ocorrência foi feita pela analista (figura 2). As escolhas da analista foram registradas pelo programa que, ao final, apresentou os resultados.

Figura 1 – Parâmetros de análise



Fonte: Captura de tela realizada pelos autores.

Figura 2 – Aba de tabulação das ocorrências no Systemic Coder



Fonte: Captura de tela realizada pelos autores.

Análise

Inicialmente, apresentam-se ocorrências das motivações pragmáticas e discursivas para o uso da passiva analítica no corpus.

Uma das motivações para o uso da passiva é a *manutenção de um referente (o paciente) como sujeito no início da oração, por se tratar de informação dada*. No exemplo (1), encontrado em uma aula do corpus, o referente “a formulação” é mantido como sujeito de algumas das unidades subsequentes (por exemplo, “... Ø tem que ter tamanho pequeno”). Em outras unidades, o falante utiliza o sujeito elíptico de primeira pessoa (por exemplo, “.. Ø não posso entupir a água:ilha”). Na oração em que se utiliza a construção passiva (“.. que Ø seja completamente absorvido no final”), o referente “a formulação” não é explicitado, mas pode ser recuperado por se tratar de informação já mencionada anteriormente no texto, ou seja, é informação “dada”, nos termos de Halliday (1973), ou informação “disponível”, nos termos de Prince (1981). Pode-se observar que há um problema de

concordância de gênero (“absorvido”), que pode ser atribuído ao caráter “em se fazendo” (NEVES, 2010) da língua falada e também ao fato de a construção em questão recuperar um elemento que ficou um pouco distante (7 unidades) no discurso precedente.

1.

.. ou seja professor por que que eu/ então eu diminuo tanto o tamanho das partículas,
.. que o sistema vai ficando cada vez mais instável?
.. porque eu tenho que reduzir o tamanho,
.. para que/para que **a formulação** seja corretamente administrada,
.. tem que ter um tamanho pequeno,
.. não posso entupir a agu::lha,
.. não posso prejudicar a pele,
.. prejudicar .. a córnea,
.. a retina,
.. não possa ah:: doer ao injeta::r,
.. **que seja completamente absorvido no final**,
.. e tenha uma aparência agradável,
.. que não se dilua rapidamente,
.. se colocar partículas grandes,
.. vão ficar pesadas,
.. e sedimentam rapidamente.

No exemplo (2), encontrado em uma entrevista do *cópus*, o referente “esse efluente”, mencionado pelo entrevistador (E), é mantido como sujeito de várias orações subsequentes pelo informante (I) (por exemplo, “.. essas condições que **ele** está”). Isso ocorre também na construção passiva em destaque (“.. a situação que ele vai ser lançado”), em que o pronome “ele” retoma anaforicamente o referente “esse efluente”.

E - no teste dessa água **desse efluente** ela ela:: recuperou todas as características de uma uma um:: material saudável?

2.

I – então .. eu não fiz os testes de::/ por exemplo com coliformes feca::is e outras né,
.. essas condições que ele está,
.. éh:: está em condições de ser lançado pra #.
.. ele está em condições de ser lançado,
.. éh:: entretanto não é/ eu não posso afirmar que ele está adequado pra potabilidade,
.. pra ser tomado,
.. aí eu não posso,
.. teria que ser feito outros testes.

E - mas por exemplo você lança,
.. tratou,
.. lança no rio,

.. nós temos aí as coletas,
.. tratamento de água,
.. mas aí eles vão fazer o tratamento pra deixar apta pra pra:: tomar.
.. mas eu me preocupo assim .. a questão de lançar no rio não vai matar peixes?
.. não vai matar?

I - não porque ele já vai tá tratado,
.. ele já vai tá assim,
.. **a situação que ele vai ser lançado**,
.. os contaminantes éh:: que poderiam ser .. prejudiciais .. contaminante para os peixes já foram removidos,
.. que poderia por exemplo na cadeia trófica chegar ao homem,
.. então já foi removido após esses tratamentos.

A segunda motivação para o uso da passiva é a *apresentação de um referente (o agente) como informação nova na posição final da sentença*. No exemplo (3), encontrado em uma aula do *cópus*, o professor considerou relevante, do ponto de vista da informatividade, incluir o agente da passiva. Como o docente tratou, nessa aula, das teorias da origem da vida, ao apresentar o criacionismo, julgou necessário explicitar para os alunos o agente da criação na perspectiva dos adeptos dessa teoria.

3.
.. o criacionismo .. di::z que:: .. a vida na Terra .. foi criada **por De::us**,

No exemplo (4), encontrado em uma entrevista do *cópus*, o informante considerou relevante, do ponto de vista da informatividade, incluir o agente da passiva. Ao mencionar pesquisas realizadas a respeito do tema da entrevista, o informante mencionou o nome de uma professora responsável por uma dessas pesquisas. No *cópus*, todas as menções e referências a nomes de pessoas foram retirados e substituídos pela letra “X”.

4.
.. e tem um trabalho também que foi feito ... é:: **pela:: professora X** .. num determinado momento,

A terceira motivação é a *omissão do agente por considerá-lo irrelevante ou pela impossibilidade de identificá-lo*. No exemplo (5), encontrado em uma aula do

cópus, não é possível identificar o agente responsável pela liberação da insulina ou talvez o professor não tenha considerado relevante explicitá-lo.

5.

... insulina .. existem alguns tipo de insulina .. que você injeta todo dia .. ou várias vezes ao dia,
 .. outras não,
 .. porque conseguiram fazer algumas modificações na insulina na/ na molécula,
 .. e ela fica suspensa ali na/ na preparação,
 .. **e vai sendo .. liberada lentamente.**

No exemplo (6), encontrado em uma entrevista do cópus, não é possível identificar o agente (ou os agentes) responsáveis pelo que está sendo feito com as crianças abandonadas no Brasil ou talvez o entrevistado não tenha considerado relevante explicitá-lo(s).

6.

.. e tentei fazer um:: uma discussão aí a partir daqueles dados coleta::dos,
 .. **de/ do que tá sendo feito com a criança abandonada no Brasil.**

Apresentam-se, na sequência, os resultados da quantificação das ocorrências da voz passiva analítica no cópus desta pesquisa. Na tabela 1, encontram-se os resultados referentes aos tipos de verbos utilizados nas construções passivas.

Tabela 1 – Tipos de verbos

	N	%
Ação	140	78,65
Processo	33	18,54
Estado	1	0,56
Resultado	4	2,25
Total	178	100

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como era de se esperar, os verbos de ação ocorrem com frequência mais alta do que os demais tipos de verbo, uma vez que esse tipo de verbo pressupõe um agente que realize a ação. Os verbos de ação implicam um fazer por parte do agente. A ocorrência (7), encontrada em uma entrevista do cópus, poderia ser uma

resposta para a pergunta a respeito do que o agente “os menores” têm feito, e a ocorrência (8) poderia ser uma resposta à pergunta “O que foi feito?” (IGNÁCIO, 2002). Por sua vez, os verbos de processo pressupõem um acontecer em relação ao sujeito paciente ou experimentador. A ocorrência (9), encontrada em uma entrevista do córpus, poderia funcionar como uma resposta para uma pergunta a respeito do que acontece com a radiação (“A radiação é incidida”), e a ocorrência (10), encontrada em uma aula do córpus, serviria como resposta à pergunta “O que acontece com esse sabor desagradável?” (IGNÁCIO, 2002). Por sua vez, a ocorrência (11), encontrada em uma entrevista do córpus, é a única ocorrência com verbo de estado no córpus. Construções com esse tipo de verbo não expressam mudança de estado, ao contrário das construções com verbos de ação, de processo e de resultado (CHAFE, 1979). Já os verbos de resultado implicam uma ação realizada anteriormente que é responsável pelo estado atual do sujeito. Na ocorrência (12), encontrada em uma entrevista do córpus, ao afirmar que o estudo “já tá feito”, o falante indica que a ação já foi realizada e expressa o estado atual do estudo. Na ocorrência (13), encontrada em uma aula do córpus, o verbo auxiliar utilizado é “ficar”, típico das construções resultativas (DUARTE; OLIVEIRA, 2010).

7.
.. crimes assombro::sos têm sido **cometidos** por menores.

8.
FOI-FEI-TA uma seleção natural .. não foi?

9.
.. quando é **incidida** a radiação,

10.
e esse sabor desagradável é **diminuído**.

11.
e sistemas complexos em que **estão embutidos** os três.

12.
.. mas assim o estudo do PH o estudo do tempo já tá **feito**.

13.
bom elas **ficam retidas** ali .. no pescoço de cisne.

Na tabela 2, apresentam-se os resultados da tabulação da expressão do agente da passiva.

Tabela 2 – Expressão do agente da passiva

	N	%
Expresso	20	11,24
Disponível	49	27,53
Omitido	109	61,24
Total	178	100

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim como no trabalho de Camacho (2000), a frequência de expressão do agente da passiva é baixa. Como já se afirmou anteriormente neste trabalho, uma das motivações para a utilização da passiva é justamente a omissão do agente por considerá-lo irrelevante ou pela impossibilidade de identificá-lo. O agente foi expresso em apenas 11,24% das ocorrências, como na ocorrência (14), encontrada em uma entrevista, e na ocorrência (15), encontrada em uma aula. Em todas as ocorrências de agente expresso, a realização morfossintática desse constituinte se deu na forma lexical. Considerando-se que, como já foi dito anteriormente neste trabalho, uma das motivações pragmáticas ou discursivas para o emprego da passiva é a apresentação de um referente (o agente) como informação nova na posição final da sentença, tal resultado já era esperado, uma vez que referentes novos devem ser expressos lexicalmente (DU BOIS, 1987). Em 27,3% das ocorrências, o agente estava disponível no texto ou na situação comunicativa. Na ocorrência (16), encontrada em uma entrevista do *cópus*, como o agente estava disponível na situação comunicativa (o agente era o entrevistado), o entrevistador não considerou necessário explicitá-lo por meio da expressão “por você” na construção “como foi feito”. Já na ocorrência (17), encontrada em uma aula do *cópus*, o agente da passiva está disponível no texto. A construção passiva “[...] essa teoria ficou sendo defendida” pressupõe a retomada do agente “(por) **os cientistas dessa época**”, mencionado anteriormente pelo professor. Por fim, na grande maioria das ocorrências (61,24%), o agente da passiva é omitido, como na ocorrência (18), encontrada em uma entrevista, e na ocorrência (19), encontrada em uma aula.

14.

.. e eu não sei se:: isso foi feito conscientemente **pelo elaborado::r**,

15.

e tudo no nosso organismo é comandado **por essas proteínas**

16.

a gente deu uma olhadinha no texto,

.. a gente leu né,

... a gente leu o texto,

... eu só queria saber assim se:/ ... éh ... a gente deu uma olhada no texto,

.. a gente viu mais ou menos a organização,

e eu queria fazer umas perguntas sobre:: como foi feito tal.

.. éh:: qual foi a maior:: assim sua motivação ... pra fazer esse texto,

.. pra pro/ pra produzir esse texto aqui?

17.

.. então eles diziam .. os cientistas dessa época,

.. porque colocavam a carne lá,

.. a carne entrava num estado de .. putrefação,

.. ela estragava,

.. logo apareciam-se larvas.

.. então eles diziam que essas larvas .. surgiram da carne.

(...)

.. essa teoria ficou por muito tempo sendo defendida,

18.

.. agora não pra ser consumido como leite mesmo,

19.

então a maior parte do nosso trigo é importada

No que diz respeito à caracterização semântica do agente da passiva, os resultados obtidos a partir da tabulação das ocorrências em que o agente foi expresso ou estava disponível pode ser observado na tabela 3.

Tabela 3 – Caracterização semântica do agente da passiva

	N	%
Animado específico	11	15,94
Animado comum	22	31,88
Inanimado específico	5	7,25
Inanimado comum	31	44,93
Total	69	100

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em quase 16% das ocorrências, o agente da passiva é animado específico, como em (20), exemplo encontrado em uma entrevista no qual o falante menciona o

nome de uma professora, omitido na transcrição. Na ocorrência (21), encontrada em uma aula, o referente animado específico é Deus. O agente da passiva é animado comum em quase 32% das ocorrências. Na ocorrência (22), encontrada em uma entrevista, o agente é “aquele grupo de pessoas” e, na ocorrência (23), encontrada em uma aula, o agente é “comunidade científica”. O agente inanimado específico em apenas 7,25% das ocorrências, como “partido comunista”, na ocorrência (24), encontrada em uma entrevista, e “governo”, na ocorrência (25), encontrada em uma aula. Por fim, a frequência mais alta é de agente inanimado comum (44,93%). Na ocorrência (26), encontrada em uma entrevista do cópuz, o agente é “legislação” e, na ocorrência (27), encontrada em uma aula do cópuz, o agente é “oligopólios”.

20.

.. e tem um trabalho também que foi feito ... é:: **pela:: professora X** .. num determinado momento,

21.

o criacionismo .. di::z que:: .. a vida na Terra .. foi criada por **De::us**,

22.

.. porque aquilo ali seria estuda::do **por aquele grupo de pessoas**.

23.

que são teorias que até ho::je .. são debatidas, ... discutidas,.. e aceitas **pela comunidade científica**.

24.

... e todos os deputados que tinham sido eleito **pelo partido comunista**,

25.

... e:: o autor faz um comentário aqui, que o empréstimo que tava sendo negociado com os Estados Unidos .. **pelo governo**

26.

.. então aqui esses são alguns parâmetros que são até citados .. **pela legislação**,

27.

e esses bens.. são produzidos ou grande parte deles.. **por oligopólios**

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo geral descrever os usos da voz passiva analítica na língua falada em aulas de curso superior e de curso pré-vestibular e em entrevistas orais com pesquisadores. Os objetivos específicos eram os seguintes:

verificar os tipos de predicados mais frequentes nas construções passivas; quantificar a frequência de expressão do agente da passiva; investigar fatores pragmáticos que favorecem o uso da passiva analítica; verificar como as gramáticas de diferentes orientações (tradicional, escolar, de linguistas) tratam a passiva analítica.

As gramáticas escolares investigadas (CEGALLA, 2009; CIPRO NETO; INFANTE, 2010) apontam primordialmente os aspectos sintáticos da flexão de voz, com menções a aspectos semânticos. Todavia, as motivações discursivas para a utilização das vozes não são exploradas. O foco do tratamento da categoria voz recai sobre as atividades de passagem da voz ativa para a passiva e vice-versa. As gramáticas tradicionais clássicas pesquisadas (BECHARA, 2002; CUNHA; CINTRA, 1985) focalizam a transformação de voz ativa para a voz passiva e vice-versa, com orientações quanto à ordem a ser seguida, apontando puramente para a mudança de função sintática entre os elementos da oração. Assim como ocorre nas gramáticas de divulgação, nas gramáticas tradicionais clássicas também não há menção às motivações para o uso da voz ativa ou da voz passiva nem considerações a respeito da explicitação (ou não) do agente da passiva. Por sua vez, as gramáticas de linguistas consultadas (AZEREDO, 2008; CASTILHO, 2010; ILARI; BASSO, 2008) definem a voz passiva do ponto de vista semântico (perspectiva do paciente) e do ponto de vista formal (construções formadas por verbo auxiliar + particípio passado). As explicações para o uso da passiva são de ordem funcional e partem de motivações discursivas e pragmáticas.

No que diz respeito à descrição dos usos da voz passiva analítica, a análise foi realizada em um corpus formado por oito aulas de curso superior e de curso pré-vestibular e dez entrevistas do banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná). A tabulação dos dados foi realizada com o auxílio do programa *Systemic Coder*.

Por meio da análise quantitativa, verificou-se que os verbos de ação são os que ocorrem com frequência mais alta pelo fato de esse tipo de verbo pressupor um agente que realize a ação (os verbos de ação implicam um fazer por parte do agente). Também foi possível verificar que a frequência de expressão do agente da

passiva é baixa, pois uma das motivações para a utilização da passiva é justamente a omissão do agente por considerá-lo irrelevante ou pela impossibilidade de identificá-lo. Nas ocorrências de agente expreso, a realização morfossintática desse constituinte se deu na forma lexical, já que uma das motivações pragmáticas ou discursivas para o emprego da passiva é a apresentação de um referente (o agente) como informação nova na posição final da sentença (referentes novos devem ser expressos lexicalmente) (DU BOIS, 1987). Em relação à caracterização semântica do agente, a frequência mais alta é de agente inanimado comum.

Conclui-se, portanto, que a descrição da voz passiva analítica a partir de suas propriedades formais não é suficiente para dar conta dos usos desse tipo de construção. Utilizando-se um aparato teórico-metodológico funcionalista, verificou-se que as motivações para o uso da voz passiva analítica são de ordem discursiva e pragmática, a saber, manter um referente (o paciente) como sujeito, no início da oração, por se tratar de informação dada; apresentar um referente (o agente) como informação nova na posição final da sentença; omitir o agente por considerá-lo irrelevante ou pela impossibilidade de identificá-lo. Isso ocorre porque a investigação funcionalista privilegia as propriedades pragmáticas em relação aos componentes semântico, sintático, morfológico e fonológico. Além disso, essa perspectiva concebe a gramática de uma língua como um sistema de opções à disposição do falante que, em situações de uso linguístico, realiza a escolha das opções que melhor satisfaçam suas necessidades comunicativas.

Referências

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CAMACHO, R. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. *Alfa*, São Paulo, n. 44. p. 215-233, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4206>. Acesso em: 2 fev. 2022.

CAMACHO, R. A gradação tipológica das construções de voz. *Gragoatá*, [S. l.], v. 11,

n. 21, p. 167-189, Dec. 2006. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33221>. Acesso em: 2 fev. 2022.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48. ed. São Paulo: IBEP, 2009.

CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. *et al.* (ed.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. *Gramática da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

DU BOIS, J. W. The discourse basis of ergativity. *Language*, [s. l.], v. 63, p. 805-855, 1987. Disponível em:

http://www.ddl.ish-lyon.cnrs.fr/aalled/Univ_ete/3LCourseMaterial/Maya/Du_Bois_1987_Discourse_Basis_Ergativity.pdf. Acesso em: 2 fev. 2022.

DUARTE, I.; OLIVEIRA, F. Participípios resultativos. In: *ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA*, 25., 2010, Porto. Porto: ALP, 2010. p. 397-408. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/28-Ines-Duarte.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

GIVÓN, T. The pragmatics of de-transitive voice: Functional and typological aspects of inversion. In: GIVÓN, T. (org.) *Voice and inversion*. Amsterdã: John Benjamins, 1994. p. 3-44.

GIVÓN, T. Typology and functional domains. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 5, p.163-93, 1981.

GIVÓN, T. *Syntax*. Amsterdã: John Benjamins, 2001. v. 2.

GIVÓN, T. Grammatical relations in passive clause: a diachronic perspective. In:

ABRAHAM, W.; LEISIÖ, L. (org.). *Passivization and typology: form and function*. Amsterdã: John Benjamins, 2006, p. 337-350.

HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. Baltimore: E. Arnold, 1994.

IGNÁCIO, S. E. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. Franca: Ribeirão, 2002.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: R. Ilari; M. H. M. Neves (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008. v. 2, p.163–365.

NEVES, M. H. M. *Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. M. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

O'DONNELL, M. From corpus to codings: semi-automating the acquisition of linguistic features. In: AAAI SPRING SYMPOSIUM ON EMPIRICAL METHODS IN DISCOURSE INTERPRETATION AND GENERATION, 1995, Stanford. *Proceedings* [...]. Stanford: AAAI, 1995. p. 27-29.

PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/ USP, 1993.

PRINCE, H. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

Recebido em: 02 maio 2022.

Aprovado em: 02 jun. 2022.

Revisora de língua portuguesa: Patrícia Cardoso Batista

Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi

Revisora de língua espanhola: Juliana Moratto